

## A MORTE NAS PRESAS DA ONÇA: MEMÓRIAS SOBRE A COVA DA NEGRA

CÍCERO JOAQUIM DOS SANTOS

Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: c.joaquimsantos@yahoo.com.br

TOSHIK IARLEY DA SILVA

Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: iarley.toshik@gmail.com

### Introdução

Olhando-se num espelho, os homens descobrem a morte. (...) É talvez, isso que torna a história da morte tão fascinante. Trata-se, para o historiador, de voltar aos dados do problema, de surpreender do outro lado essa troca de olhares. Partindo da morte e das atitudes coletivas que a acolhem, a história quer reencontrar os homens e surpreendê-los na região diante de uma travessia que não permite trapaça. (VOVELLE, 1996, p. 12).

Pensando em como os homens lidam com a “travessia que não permite trapaça”, a morte, nas especificidades dos tempos e espaços e, portanto, na singularidade histórica aqui estudada, problematizamos a construção das memórias sobre o culto religioso à Cova da Negra, localizada no sítio Caatingueira, na zona rural do município do Crato, no Cariri cearense. Sobre esse lugar foram construídas práticas e representações sociais que lhes atribuem um aspecto sobrenatural. Ele é entendido pelos devotos que cultuam a alma da Negra e que acreditam nos seus poderes extraordinários como um espaço sagrado: um marco que estabelece a comunicação entre o mundo terreno e o celeste.<sup>1</sup> Pois para o homem religioso “a manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo. Na extensão homogênia e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma *orientação* pode efetuar-se, a hierofania revela um ‘ponto fixo’ absoluto, um Centro” (ELIADE, 1992, p.26).

---

<sup>1</sup> Narrativa de Alex Joberto Andrade Sampaio. Disponível em: <http://blogdapontada-serra.blogspot.com.br/2010/03/110310-cova-da-nega.html>. Acesso em: 01/06/2012.

## Um Mata, uma Escrava e uma Mnça... Memórias de uma Morte Trágica

Tomando a tradição oral como “um sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimento” (CRUIKSHANK, 2006, p. 155), percebemos que, segundo a tradição oral dos moradores do sítio Caatingueira, este espaço passou a ser cultuado a partir do momento em que o corpo esmiuçado de uma mulher, identificada como negra, fora encontrado no meio de um matagal, em meados do século XIX. Seus restos mortais foram enterrados no respectivo local. Sobre ele foi erguida uma Cruz e um nicho que passou a ampará-la. Tal espaço tornou-se paulatinamente um lugar de oração dos fiéis que passaram a cultuar a alma da mulher, atribuindo-lhe poderes miraculosos.

Tal devoção ao túmulo da negra é uma experiência social que elucida claramente aspectos do culto às almas benditas ou mi-lagrosas, como são identificados esses objetos de devoção na vida religiosa católica dos brasileiros. Como afirma Câmara Cascudo, a Santa Alma Sagrada “é a grande devoção popular brasileira na indizível atração do mistério vivo. Ambivalência de amor e medo, proximidade e distância. Para o povo a alma é uma invisível contiguidade humana, inseparável da terra pelo hábito e fora dela pela destinação mortal” (2002, p.371).

Em consonância com os escritos deste folclorista, o culto católico às almas no Nordeste brasileiro elucida continuidades de antigas tradições fúnebres que remontam à formação religiosa católica do espaço nordestino (CASCUDO, 2002). De igual modo, possibilita compreender os processos de construção das memórias a partir das práticas e representações sociais sobre a morte e o morrer. Nesse cenário, as representações fúnebres imersas no cotidiano da população demonstram, por um lado, o desejo dos religiosos alcançarem a bem-aventurança da alma, ou seja, seu ingresso no

mundo celeste e, por outro, o medo de virarem alma penada, espíritos assombrosos, presos no mundo terreno.<sup>2</sup>

De acordo com João José Reis (1991), a construção do cotidiano da morte no Brasil de outrora (oitocentista) esteve vinculada à crença na continuidade da existência da vida (espiritual) em outro lugar. Logo, a morte era compreendida como uma passagem para o Além. Assim sendo, esse momento era recoberto por ritos e simbologias produzidas para proteger e aliviar o percurso da alma após a morte do corpo. Nesse sentido, as questões tocantes ao mundo sobrenatural, bem como o tempo e o espaço tidos como adequados para o bem morrer, além dos ritos de expulsão da alma e de sua incorporação na cartografia do Além, assumiram relevância na vida religiosa de outrora, aspectos que, conforme José de Souza Martins (1983) permaneceram no imaginário das populações dispersas nos espaços interioranos do Brasil no decorrer do século XX.

Nessa trilha discursiva, as representações sociais sobre o morrer no Brasil de outrora estavam relacionadas a dois tipos de morte (RODRIGUES, VILELA FRANCO, 2011; REIS, 1991). O primeiro era intitulado “boa morte”. Ele indica aquele falecimento que fora planejado pelos vivos. Nesse caso, o fim da vida corporal de um sujeito deveria ser anunciado (por um sinal, uma doença ou por outras forças do Além) e ocorrer sob os cuidados dos familiares do moribundo. Dessa maneira, o sujeito poderia se preparar espiritualmente para a despedida e realizar os pedidos para que os amigos e familiares cumprissem os ritos religiosos tidos como essenciais

---

<sup>2</sup> Um pouco desse cenário foi apresentado na dissertação de mestrado intitulada “No entremeio dos mundos: Tessituras da morte da Rufina na tradição oral”, apresentada por Cícero Joaquim dos Santos no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2009. A pesquisa histórica desenvolvida por Michelle Ferreira Maia sobre a devoção à alma de João das Pedras na cidade de São Benedito/CE é uma importante análise sobre a construção da santidade a partir da morte (MAIA, 2008). Já no que diz respeito às narrativas sobre aparições de almas penadas destacamos as obras de Gilberto Freyre (2008) e Sandra Nancy Bezerra (2011).

para a proteção da alma e sua entrada no Além (REIS, 1997). Esse tempo adequado para o falecimento correspondia, no imaginário da morte católica, ao chamado de Deus, o que aliviava o sofrimento dos vivos (SANTOS, 2009).

Diferente desta despedida anunciada, tida pelos historiadores da morte como um acontecimento social (ARIÉS, 2003; REIS, 1991), a “morte trágica” era atribuída aos casos em que o padecimento era repentino e sofrido, refletido na ausência dos ritos e simbologias mortuárias, bem como no sofrimento físico do corpo. Além disso, como lembra Mary Del Priore, “a morte repentina, traiçoeira, inesperada, provocava uma revolta silenciosa, um sentimento de não aceitação” (1997, p. 328).

Nesses casos, quando a morte invadia a vida de forma repentina e violenta, ela era caracterizada pelo temor que despertava nos vivos e pelo sentimento de piedade religiosa, como no caso dos assassinatos, dos afogamentos, do padecimento de fome e sede, ou ainda quando o infeliz era atacado e/ou devorado por animais selvagens, sendo esse momento compreendido como um grande tormento para a alma do morto e para a consciência dos vivos (REIS, 1991).

Nas palavras de Angelina Maria de Jesus, conhecida como Dona Angelina, de 78 anos, os sentimentos de temor e compaixão dos sujeitos diante dos casos de morte repentina e violenta são visíveis:

*Ave Maria, o povo chamava era morte repentina. Chama de morte repentina quando o povo morria de uma hora pra outra. Virgem Nossa Senhora! quando matava outro era um absurdo, o povo ficava tudo assombrado. (...) E quando a pessoa morre, que a pessoa ta esperando, ta deitado ali na cama, a gente ta veno que de uma hora pra outra tá morrendo né. Aí a gente tem dó e tá sabeno. Num é que nem a gente tá tudo aqui e caí uma pessoa. Ave Maria, as pessoas se alvoroça demais né, num tem um que num se alvoroça. É triste, Ave Maria, é uma tristeza grande. Num dá tempo nem do caba dizer o que sente e nem o que tem que fazer.<sup>3</sup>*

<sup>3</sup> Narrativa de Angelina Maria. 78 anos. Agricultora. Entrevista realizada em Julho de 2007, em sua residência, na cidade de Porteiras.

Como são perceptíveis na narrativa mencionada, algumas das práticas fúnebres e das representações sociais sobre a morte presentes no Brasil dos oitocentos adentraram o Cariri cearense do século XX (PINHEIRO, 1950). Novas pesquisas históricas e sociológicas, além de outras formas de conhecimento, demonstram continuidades sobre as práticas de bem morrer, o temor perante a morte sem um plano e o sentimento religioso atribuído à morte trágica e ao local do tombo ou do martírio (RIEDL, 2002; SANTOS, 2009; VILAR, 2003).

Da mesma forma, as memórias orais de inúmeros narradores, em especial daqueles idosos residentes nas proximidades dos cruzeiros erguidos em homenagem à alma de alguém que faleceu de forma trágica, principalmente nos espaços rurais, elucidam a continuidade das práticas de representação da morte na cultura religiosa e os rituais cotidianos dos devotos que afirmam os poderes de intercessão da alma do morto. Pois a tradição religiosa católica brasileira diz que “Quem sofre valoriza-se aos olhos de Deus” (CASCUDO, 2011, p.50).

De acordo com Riedl (2002), em sua pesquisa sobre os retratos da morte no Cariri da primeira metade do século XX, existem capelas e cruzeiros nas variadas localidades da região do Cariri, entre caminhos e estradas, que se tornaram objeto de devoção sobre os quais são depositados diversos ex-votos e cujas almas homenageadas são cultuadas. A Cova da Negra, objeto de estudo desta pesquisa, é uma delas.

Na narrativa do Sr. Bernando Xenofonte, de 94 anos, e residente no sítio Caatingueira, a cena da morte da Negra foi descrita dando ênfase ao sofrimento físico da mulher e ao abandono do seu corpo morto.

No Angico era uma fazenda que tinha lá e essa preta fugiu e ninguém sabe que hora da noite pra que... Ficou ali na fazenda dos Filistrino. Dizem que ela chegou, essa preta, fugiu de lá. Naquele tempo era uma mata enorme aqui e deserto. Ela

chegou aí ninguém sabe que hora, não chamou ninguém... Dizem que ela ficou ali no alpendre, ali por o alpendre que é onde teve vestígio de onde a onça pegou ela. Aí pegou e arrastou. De manhã o pessoal acharo o arrasto e o sangue e aqueles trapos da roupinha dela e acharo ela lá, comido uma parte. Aí pegaro e enterraro aí. A estrada naquele tempo era uma vareda, mas já era por ali mesmo. Aí enterraro ela lá, aí ficou por a cova da Nega.<sup>4</sup>

Tal narrativa é semelhante às memórias narradas pelos mais jovens, aprendidas por meio do ouvir contar, ou seja, da tradição oral narrada e vivida pelos mais velhos. Vejamos a narrativa de Aléz Sampaio,

De acordo com os mais antigos moradores, no século XIX, uma escrava negra fugiu de uma fazenda para escapar de um castigo por parte do seu dono. Correndo a pela mata noite adentro chegou até uma casa de fazenda nessa localidade. Era madrugada e após varias tentativas em acordar a família, com medo de onças, à época espécie abundante na região, resolveu dormir no alpendre. Ao amanhecer foi encontrada morta com marcas de uma intensa luta pelo corpo. Logo, atribuiu-se a causa da morte a um ataque de onça.<sup>5</sup>

O documentário intitulado *A Cova da Negra*<sup>6</sup>, que contém inclusive imagens de idosos devotos narrando a origem do culto ao monumento fúnebre, apresenta essa mesma versão do ocorrido com a mulher cuja morte fundou o espaço sagrado dos fiéis. A referência ao “tempo do cativeiro”, a fuga de uma escrava e ao ataque de uma onça ao corpo desta, ganha destaque nas narrativas, represen-

<sup>4</sup> Narrativa de Bernardo Xenofonte, 94 anos. Morador do Sítio Caatingueira. In: *A Cova da Negra*, 23 minutos, Cor, Direção de Alex Josberto Sampaio e Marcos Xenofonte. Produção: Projeto Verde Vida.

<sup>5</sup> Narrativa de Alex Josberto Andrade Sampaio. Disponível em: <http://blogda-pontadaserra.blogspot.com.br/2010/03/110310-cova-da-nega.html>. Acesso em: 01/06/2012.

<sup>6</sup> *A Cova da Negra*, 23 minutos, Cor, Direção de Alex Josberto Sampaio e Marcos Xenofonte. Produção: Projeto Verde Vida.

tando chaves de leitura das memórias acerca da devoção ao espaço do martírio.

Laura de Mello e Souza (1997), já apontava a terrível desvalia que recobria a morte provocada pelo ataque de animais silvestres desde o início da colonização portuguesa nos trópicos. O medo da morte provocada por onças atormentava a consciência dos “conquistadores”. E nas estradas cruzeiros eram erguidos para marcar o espaço onde os restos dos corpos eram encontrados entre os matos, as estradas e os caminhos do interior.

Nesse direcionamento, a morte da negra provocada pelas garras da onça tornou o evento ainda mais doloroso, pois, na tradição oral, seu corpo teria sido violado e devorado, restando apenas seus restos, aspectos que se contrapõem aos tratamentos do corpo morto na cultura funerária cristã, visto que, “apesar de a cultura eclesial priorizar a salvação da alma, ao corpo morto também era atribuída uma função ou um papel no processo que culminaria na ressurreição” (RODRIGUES, VILELA FRANCO, 2001, p.160). E na tradição cristã, para que o fiel alcance a ressurreição é necessário que o seu corpo volte ao pó através da decomposição da carne.

Além de tudo isso é importante lembrar o medo historicamente construído sobre o retorno das almas dos sujeitos vitimados de morte trágica.<sup>7</sup> Como afirmou Del Priore (1997), como estes não tiveram os rituais que na cultura religiosa católica garantiam a tranquilidade da alma no Além, as crenças sobre as cobranças destes pelos mortos e suas aparições assustadoras (fantasmas) eram presentes no cotidiano. Portanto, além da devoção às almas dos mortos tragicamente, a crença no retorno destas para assombrar os vivos também ganhou destaque na vida religiosa de outrora, permanecendo nas memórias dos devotos da Cova da Negra, como é perceptível nessa narrativa: “Alguns diziam que o lugar era mal

---

<sup>7</sup> Neste ponto, o projeto prevê o debate sobre a história do medo a partir das reflexões construídas por Jean Delumeau (2009).

assombrado. Conta-se que toda noite aparecia no local, uma imensa bola de fogo que perseguia principalmente estudantes que iam ao Distrito de Ponta da Serra no horário noturno”.<sup>8</sup>

### Considerações Finais

Pelo o que foi exposto, percebemos um pouco do processo de construção das memórias orais sobre a devoção à Cova da Negra. Partindo do universo cultural dos narradores e do lugar da morte na tradição oral do Nordeste brasileiro, identificamos alguns elementos que colaboraram à devoção à alma da Negra. A morte dolorosa, provocada pelas garras da onça, animal este que, além de assumir uma condição real na vida prática assumia também um lugar de destaque no medo das populações do lugar, obtém relevância, inserindo as causas da morte à atitude da negra que, fugindo do cativeiro, tivera uma morte trágica.

Dessa maneira, nas memórias orais dos narradores, a morte dolorosa da mulher e o enterramento do seu corpo no cenário espacial do martírio, santificou seu espírito. Na tradição oral, a alma da Negra foi transformada em um objeto de devoção que passou a interceder a Deus pelos vivos. Todavia, tal cenário devocional também nos remete a outros aspectos das narrativas sobre almas no Nordeste. A bola de fogo contada por um dos narradores é só um exemplo de outros elementos do universo sobrenatural do Cariri.

### Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Religião no povo*. 2 ed. São Paulo: Global, 2011.

<sup>8</sup> Narrativa de Francisco Ferreira Matos. Agricultor. Entrevista realizada em agosto de 2011, em sua residência, zona rural do município do Crato.

- \_\_\_\_\_. *Superstição no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2002.
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e abusos da história oral*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 149-164.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): Uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: MELLO E SOUZA, Laura (Org.). *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 375-330.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Assombrações no Recife Velho*. 6 ed. São Paulo: Global, 2008.
- FREIRE BEZERRA, Sandra Nancy Ramos. *Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na Região do Cariri*. Fortaleza: UFC, 2011 (Dissertação de Mestrado em História).
- MAIA, Michelle Ferreira. *Lembranças de alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza: UFC, 2008 (Dissertação de Mestrado em História).
- MARTINS, José de Souza. A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça. In: \_\_\_\_\_. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983, p. 258-269.
- MELLO E SOUZA, Laura de. Formas provisórias de existência: A vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações. In: \_\_\_\_\_. *História da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 41-81.
- PINHEIRO, Irineu. *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: S/E, 1950.
- REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). *História da vida privada no Brasil*. vol II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RIEDL, Titus. **Últimas lembranças**: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

RODRIGUES, Cláudia; VILELA FRANCO; Maria da Conceição. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: AMANTINO, Márcia; DEL PRIORE, Mary (Orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2011, p.157-183.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos*: tessituras da morte da Rufina na tradição oral. Fortaleza: UECE, 2009 (Dissertação de Mestrado em História).

LIMA, Marinalva Vilar de. *Laos que carpem*: a morte na literatura de cordel. São Paulo: USP, 2003 (Tese de Doutorado em História).

VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na Idade Média*. São Paulo: Ed. USP, 1996, p.11-26.